

Para começar uma nova gestão

Maria do Pilar Lacerda estreia coluna com uma reflexão, a partir de sua experiência, sobre a importância da seleção de uma boa equipe para auxiliar o trabalho do dirigente



GUSTAVO MORTA

Maria do Pilar Lacerda

é diretora da Fundação SM, professora de história aposentada, ex-secretária Municipal de Educação de Belo Horizonte e ex-secretária de Educação Básica do MEC.

Desde 1976, quando comecei a lecionar história, até hoje, trabalhei em diferentes funções relacionadas à educação. Comecei na rede privada e a partir de 1986, por opção, dediquei-me exclusivamente à rede pública. Fui vice-diretora eleita de uma grande escola pública, trabalhei no Centro de Formação de Professores – junto com o professor Miguel Arroyo –, fiz palestras, estudei. Em junho de 2002 assumi a Secretaria Municipal de Educação de Belo Horizonte e, três anos depois, fui eleita presidente da União Nacional dos Dirigentes Municipais de Educação (Undime). Em junho de 2007 aceitei o convite do então ministro Fernando Haddad para comandar a Secretaria de Educação Básica (SEB) do MEC, onde permaneci até fevereiro de 2012.

Esta introdução, que é minha apresentação na estreia desta coluna, serve também para explicar a posição que defendo aqui. Em todos esses lugares – sala de aula, direção de escola ou de um centro de formação docente, gestão da rede municipal, a Undime ou no MEC – fui me formando. Eu não estava pronta ou preparada no sentido de estar “terminada” para nenhum desses ofícios. A prática foi transformadora, mas somente quando eu tinha um grupo de profissionais que, junto comigo, refletia, estudava, criticava, e assim, possibilitava uma melhor atuação.

Claro que se eu tivesse o privilégio de ter um “tutor”, como acontece com os professores de alguns países, eu teria errado menos. Nós da Educação temos receio de quem

possa interferir no nosso trabalho, mas, com a prática, entendi que trabalhar ao lado de alguém com mais experiência ou com outras experiências colaborava muito com o trabalho e me fazia uma profissional melhor.

Esta longa introdução é para dizer a todos que, em janeiro de 2013, irão assumir novas funções – seja a direção de uma escola ou a liderança da Secretaria Municipal de Educação – que será preciso compor uma equipe que traga conhecimento e diferentes olhares, para refletirem juntos sobre o desafio de ser gestor de uma escola ou do órgão central de Educação.

Ao formar a equipe, o gestor educacional tem de pensar nas diferentes áreas que terá de administrar: pedagógica, financeira, materiais, recursos humanos, infraestrutura, e nos melhores perfis para assumir cada uma delas. Não precisa ser o mais amigo, mas o que entende melhor daquele tema, que vai trazer conhecimento e experiência. O novo dirigente deve evitar formar uma equipe de “amigos” ou “militantes”, com todo respeito a amigos e militantes. Não tenham medo da crítica, do debate ou do enfrentamento, se feito com serenidade. Ao lembrar que o debate e a crítica não são pessoais, mas profissionais, o gestor vai se sentir mais seguro e firme nas difíceis decisões que terá pela frente (e acredite em mim, são muitas e complexas).

Esta será a equipe que assumirá com o gestor o duro cotidiano da Educação, que traz resultados grandes e transformadores quando as ações são sólidas e coletivas. ■

O novo dirigente deve buscar o melhor perfil para cada cargo, e evitar formar uma equipe de “amigos” ou “militantes”, com todo respeito a eles